

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da . Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 11min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSITY OF SYDNEY e AUSTRALIAN RESEARCH COUNCIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 19/06/2015 a 19/06/2015

Duração: 1h 11min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Global Arenas of Knowledge”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a University of Sydney e financiado pelo Australian Research Council, entre agosto de 2013 e dezembro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a produção de artigos acadêmicos e paper em congressos.

Temas: Atividade acadêmica; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Centros de pesquisa; Enfermagem; Feminismo; Formação acadêmica; Gênero; Intercâmbio científico e tecnológico; Marxismo; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 19 de junho de 2015 Trajetória até os estudos de gênero: o contato com o planejamento familiar, interesse por movimentos de mulheres, o afastamento dos estudos, o início do doutorado; a mudança na pesquisas do departamento de enfermagem; a pesquisa sobre perfil reprodutivo comparado entre classes sociais; comentários sobre a metodologia da pesquisa; as dificuldades do doutorado; a leitura sobre gênero; o contato com o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero (NEMGE) da Universidade de São Paulo (USP); as dificuldades com os estudos sociológicos; o contato com a teoria marxista; a junção dos temas de classe e gênero na tese; a finalização do doutorado e o começo do trabalho como orientadora; os estudos em grupo; participação no Conselho Estadual da Condição Feminina; o trabalho de militância; a realização do balanço de teses sobre gênero na enfermagem; a publicação de artigos na área; comentários sobre as pesquisas realizadas entre 1990 e 1996 sobre a violência de gênero; o trabalho de livre docência; a criação do grupo de pesquisa; o financiamento do CNPq; o avanço na carreira acadêmica: a bolsa de produtividade, o cargo de professora titular, os congressos da área de enfermagem; o contato com profissionais da área de diferentes partes do Brasil; a orientação do doutorado de enfermeiras peruanas; comentários sobre as disciplinas ministradas; a preparação para dar oficinas feministas: o processo de criação e os objetivos; comentários sobre a orientação de alunas: novos conhecimentos, as trocas, os trabalhos realizados; comentários sobre os casos de violência presenciados no estudo; a criação de novos projetos com foco em violência de gênero, comentários sobre o projeto que estuda violência na adolescência; os trabalhos internacionais; os adiamentos do pós-doutorado; o trabalho na assistência estudantil da USP de 1998 até 2010; o cargo de vice-diretora da escola de enfermagem; os avanços na assistência estudantil; o interesse por filosofia; a volta para as pesquisas; atuação na diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem; a questão do produtivismo na academia; coordenação do SENPE de 2013; os impactos do produtivismo na vida dos pesquisadores e estudantes; o trabalho como professora de Saúde Coletiva e na pós-graduação; a leitura de revistas acadêmicas; comentários sobre o trabalho de revisão linguística e o uso da língua portuguesa; o interesse no estudo de português; a vida pública e a conciliação do tempo de trabalho; o trabalho de consultoria; o retorno positivo dos trabalhos; comentários e opiniões sobre a área da

enfermagem na atualidade: a trajetória histórica, a retomada do cuidado, a mudança na visão social acerca da enfermagem.

Entrevista: 19/06/2015

Rosa Godoy (RG): - A hora que quiser, a gente vai até... Temos uma copa...

João Marcelo (JM): - Ah, que bom, muito Obrigado. Professora, Bom dia. Hoje é dia 19 de junho. Entrevista com a professora Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca, correto?

Rosa Godoy (RG): - Correto.

(JM): - Na escola de enfermagem da USP. Professora, obrigada por ter me recebido. A primeira pergunta que nós sempre fazemos é um pouco como, da sua trajetória acadêmica, profissional, a senhora chegou às questões de gênero? Por exemplo, quando isso te interessou como campo?

(RG): - É... essa é uma história que eu conto sempre, inclusive para os meus alunos. Porque é interessante a gente olhar para trás e ver como, por que a gente se dedica a essa área, não é? Dos estudos feministas, na verdade. Desde que eu entrei aqui, como docente, 1972, você faz a conta aí [risos], eu trabalhei, eu comecei a trabalhar com saúde da mulher. Sempre tive uma tendência a esse tema. E fiz o meu mestrado em saúde da mulher: planejamento familiar.

(JM): - Hum run. Eu vi.

(RG): - Eu trabalhava junto com uma obstretriz, que fazia parte da nossa disciplina e que era uma militante da época do planejamento familiar, que tinha uma função bastante interessante de liberar as mulheres, a sexualidade das mulheres da reprodução, de planejar família... Infelizmente, depois tudo isso foi... Inclusive foram descobertas as verdadeiras intenções. Não é? Porque era ligado a um grupo americano, IPPF. International planned parenthood federation. Mas nessa época nós estávamos realmente convencidas de que era por aí. Ao lado disso, sempre me interessei pelos movimentos de mulheres. Então, não muito uma militância muito agressiva, nada disso. Na época, era bastante agressivo, mas uma militância que, na verdade, era mais acadêmica, em relação aos direitos das mulheres. E fui fazer minha tese de doutorado. Eu estive fora da escola durante 4 anos, porque eu tinha filhos pequenos, então, continuei só o mestrado, mas me desvinculei da universidade.

(JM): - Mas você já era docente?

(RG): - Já era docente, de 72 a 78. Em 78 eu me desvinculei, continuei só o mestrado. E voltei

em 82 para a mesma disciplina, para o mesmo grupo, para a minha mesma sala, coincidentemente minhas coisas foram se encaixando. E comecei a fazer meu doutorado em 85. E fui investigar... o departamento, nesse ínterim estava mudando sua visão de mundo. A gente estava partindo de uma visão extremamente positivista, com estudos bastante positivistas, nosso ídolo era August Comte [riso] e nós tínhamos toda a filosofia funcionalista, fazíamos pesquisa nessa área, bastante sérias, metodologicamente falando. E o departamento enquanto eu saí teve uma mudança devido aos questionamentos da época de 79, 80... Um movimento que estava acontecendo na própria universidade e mudou sua visão para o materialismo histórico dialético. Muito estudo, muita coisa acontecendo, só que eu estava fora. Mas sempre mantive uma relação de amizade, de contato com o pessoal daqui do departamento. Quando eu voltei, comecei a fazer a minha tese em 85, eu resolvi que ia trabalhar com classes sociais. Porque na época tinha tido um trabalho bastante importante no México sobre mortalidade infantil e eu queria ver se havia diferenças entre classes, entre mulheres de classes sociais diferentes em relação ao perfil reprodutivo. E o que elas faziam para controlar o número de filhos. Na época, nós tínhamos um programa de integração docente assistencial com um município aqui perto, Taboão da Serra, nós éramos responsáveis por todas as unidades de saúde do município, como campo de estágio e uma integração mesmo entre a escola e o serviço. E eu fiz essa pesquisa de acordo com, exatamente de acordo com o que foi feito no México para a mortalidade infantil. Tinha sido feito uma outra pesquisa no Rio Grande de Sul, em Pelotas, com trabalhadores e com uma dada estratificação social de classes a partir da proposta do Lênin, daqueles quatro indicadores de classe. Marx nunca falou em classe, não é? Na verdade, ele nunca falou em classe de uma maneira que você pudesse operacionalizar. Então que operacionalizou foi o Lênin, 100 anos depois. Aí eu peguei essa classificação e fui lá aplicar aos meus dados, para verificar isso. Minha hipótese era de que havia diferença entre as mulheres de determinadas classes sociais e quais as questões que elas tinham na hora de planejar a sua família, o seu próprio perfil reprodutivo. Na época eu já questionava a história do planejamento ser da família. Eu acho que as mulheres têm que planejar a sua vida reprodutiva. E elas fazem isso com os parceiros na medida em que há um projeto comum. Isso não impede que elas façam isso na vida individual. Mas isso era muito, na época, já era 1986, 87, isso era ultra, super revolucionário.

(JM): -Mas no departamento...

(RG): - Na escola inteira! No departamento inteiro! No departamento não. Porque o departamento sempre foi a disciplina em que eu me vinculava, depois o departamento, que ele foi fundado depois, sempre teve um perfil mais inovador dentro da escola. A escola até hoje é bastante conservadora e esse departamento, principalmente naquela época, tinha uma característica mais inovadora, mais revolucionária. Pagamos um preço alto por isso...

(JM): -Imagino!

(RG): - Mas a gente seguiu em frente, acredito que até hoje. A gente tem aí algumas coisas desse perfil. Bom, voltando à minha tese: quando eu coletei todos os dados, fiz a classificação social, fiz toda a coleta e tratamento dos dados. Na época, o Bronfman que era o autor que fez o trabalho no México esteve no Brasil, eu estive com ele e mostrei para ele os dados ele falou “olha, Rosa, está certinho, só que eu não sei se você vai chegar onde você quer, porque não está dando aqui.” Por mais que eu espancasse os dados, eu não conseguia ver diferenças entre os perfis reprodutivos das mulheres de diferentes classes sociais. Eu não trabalhei com classes muito antagônicas, porque eu trabalhei com mulheres que frequentavam unidades básicas de saúde, mas tinha mulheres de classes *muito* desfavorecidas e mulheres de classe média. Mesmo assim, o que eu tinha não dava diferença. Eu fiquei com vontade de rasgar a tese umas quatro vezes. Nesse ínterim, o meu primeiro orientador morreu. A segunda... que era um sociólogo, a segunda aposentou-se. E eu estava sem orientação. Aí fui para uma colega que a gente trabalha juntas há *muitos* anos que ela tinha acabado de fazer o doutorado, eu falei “olha, é você que vai me orientar e eu não quero saber [incompreensível 9:15], porque eu não posso ficar nisso”.

(JM): -Solta...

(RG): - Solta. Meu doutorado levou 6 anos.

(JM): -O que não era incomum, não é?

(RG): - Não era incomum...

(JM): -De jeito nenhum.

(RG): - Absolutamente. Bom, aí eu falei, analisando, analisando, analisando os malditos dos dados: nada. “Mas deve ter alguma outra coisa que explique isso.” Não é? Porque as dificuldades de acesso das mulheres, a dificuldade de negociação com o parceiro... Enfim.

Questões assim que eu dizia “não é possível que isso não tenha diferença de classe!” Mas não tinha! E não adianta. Aí, nós duas – eu e a orientadora, que na verdade tinha sido da minha turma de formadas, entramos na mesma época na escola, enfim.

(JM): - Sei.

(RG): - Estávamos em igualdade, praticamente, de conhecimento.

(JM): -É a... Emiko?

(RG): - Emiko, que tem muita coisa minha produzida com ela. É... nós fomos procurar, “deve ter alguma coisa aí e, talvez, essa coisa se chame gênero.” Que era uma coisa que estava começando a aparecer, tinha o NEMGE na escola, na Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero. Eu já tinha lido várias coisas, várias... vários trabalhos...

(JM): -Algum assim, te lembrando hoje...

(RG): - Elisabeth Lobo, usos de gênero, enfim. Tinha uma cartilha, uma publicação do NEMGE, que foi, assim, até hoje eu não sei porquê é que não é ainda reproduzida, porque ela foi fantástica, na época, para a comunidade acadêmica que trabalhava com essas coisas. E fui fazer um curso lá na sociologia com a Eva Blay e a Carmem Barroso que só falavam sociologuês e tinha todo mundo sociólogo e eu, uma médica que era do Instituto Butantã, negra, portanto, nós, enfermeiras – eu e a Emiko-, subalternizadas profissionalmente e essa médica com várias questões de raça e gênero, porque é... mas ficamos assim, grandes amigas, uma pessoa fantástica. Até hoje ela faz um trabalho fantástico com adolescentes. E a gente ficava no estacionamento horas depois da...

(JM): -da aula...

(RG): - da aula, porque a gente não entendia nada. E a gente não abria a boca. E lia, lia, lia e não entendia nada daquilo. O que é que era aquilo? Não é? Porque você pega um texto da Joanna Scott, hoje, você realmente na primeira leitura aquilo é grego misturado com russo. Imagine nós, década de 80, lendo aquilo numa formação muito voltada para as ciências biológicas, não é? Aí eu resolvi estudar outras coisas. Resolvi estudar, fazer teoria do conhecimento, estudar aí as tendências. Paralelamente estava estudando muito aí o

materialismo histórico dialético. Mas peguei desde os primeiros filósofos, os pré-socráticos, aquele negócio todo até chegar no Marx que é, não é considerado filósofo, sei lá, mas de qualquer maneira deu... de estudos marxistas deram uma guinada nessa época na sociedade de maneira geral. Participava paralelamente do PAISM que era em 1983 o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, foi uma reivindicação do movimento feminista. Fui participar de capacitações, ministrei cursos, enfim. E acabei juntando pé com sapato [risos] e invés de jogar fora a tese eu coloquei um capítulo final onde eu digo existe uma dupla determinação de classe e gênero para o perfil biológico... é... reprodutivo dessas mulheres? E acabei a tese com uma interrogação.

(JM): - Hum...

(RG): - Até hoje, acho que a única tese no Brasil de... com classe social, ela foi feita rigorosamente dentro dos parâmetros aí de pesquisa e convidei para a banca a Carmem Barroso e a Eva Blay. Não é? Ousadia é pouco. Enfermeira, não familiarizada com a área, mas eu queria muito e admirava muito ambas, inclusive nessa época eu já estava no NEMGE, estava com [incompreensível 14:24], trabalhando lá, depois fui coordenadora e vice coordenadora, trabalhando muito perto, principalmente da Eva Blay. E elas falaram exatamente isso. Não é? Que a tese era um ponta pé inicial e que era muito importante, porque eu estava trazendo para dentro da Enfermagem, na saúde pipocavam alguns estudos, mas na Enfermagem não se tinha nada, de um estudo que poderia ser caracterizado de estudo de gênero. E aí obtive meu doutorado, felizmente. Tirei nota máxima, com louvor e não sei mais o que. Mas fiquei meio frustrada, falei “e agora, o que é que eu vou fazer? Preciso me aprofundar nisso!” Comecei a orientar em seguida, nós estávamos começando o programa de pós graduação na nossa área de saúde coletiva. Então, comecei a orientar em 92. Tive a sorte de pegar como uma das orientandas, uma pessoa que estava trabalhando com crianças, mães e pessoal da saúde que queria ver qual era a responsabilização das mães sobre processo saúde – doença e o enfrentamento dos agravos.

(JM): - hum...

(RG): - E aí tem tudo a ver com gênero.

(JM): -Claro.

(RG): - Porque todo mundo... é a mãe! Família! Quando a gente fala *família* na unidade de saúde quer dizer a mãe. Não é? E aí, fui assim... desenvolvendo estudos, não só como orientadora, mas também participando de outros estudos de gênero em 90 e estudando muito. Estudando *muito* mesmo aí.

(JM): -Em grupo, sozinha? Como assim?

(RG): - Em grupo. Eu participava de tudo que é movimento de mulheres, fui do Conselho Estadual da Condição Feminina. Foi uma época que, assim, eu me engajei muito na militância, porque essa militância me dava o outro lado da questão, não só o lado acadêmico. Não é? Então, comecei a trabalhar, inclusive, com lésbicas, população... prostitutas... Enfim. População que tem várias questões e que à época não aparecia. Hoje que tem movimento LGBT, mas na época não tinha nada disso. E aprendi *muito! Muito, muito, muito!* Até hoje, assim, eu me recordo com muita... muito carinho! Dessa...

(JM): -Foi mais nos anos 80 essa participação nesses conselhos...?

(RG): - Foi nos anos 90 já.

(JM): -Já nos anos 90.

(RG): - Já nos anos 90 quando também começou a crescer a produção dos estudos de gênero na saúde. Fiz uma pesquisa na época, uma das minhas pesquisas, foi para verificar quais os estudos de gênero que tinham sido feitos na enfermagem desde a primeira tese que foi 1963 até mil novecentos... acho que fizemos até 96. E eu descobri 3 estudos que tinham sido feitos anteriormente ao meu que não falavam de gênero, mas que tinham a ver com as questões das mulheres. Inclusive a primeira tese de Enfermagem produzida no Brasil, que falava da dificuldade das meninas e de tudo o que elas sofriam quando elas optavam por fazer o curso de Enfermagem. Essa tese foi defendida em 1963, aqui na escola, mas era de uma professora de Ribeirão Preto.

(JM): -Você... Foi publicado esse balanço?

(RG): - Foi publicado no meio de outras coisas. Porque em 96, a gente não tinha esse apelo para a publicação. Publicação era... A gente apresentava muito em Congressos, em eventos, outros mais... nos próprios eventos dos movimentos de mulheres, mas assim, essa publicação

como artigo científico esse apelo ele começou depois. Essa faca no pescoço, não é? [risos] da gente para publicar não é? Pelas agencias financiadores ele começou depois disso. Na época, eu publiquei sim, algumas coisas e fiz a minha livre docência. Na minha livre docência, eu entro de cabeça em gênero. Não é? Eu peguei três pesquisas e, das três, eu construí, então, uma base de conhecimento de gênero na enfermagem.

(JM): -Três pesquisa que você escreveu?

(RG): - Pesquisas que eu mesma tinha feito nesse período de 90 a 96. Uma delas foi essa da produção, a outra foi sobre a percepção de... na época a gente não chamada de violência de gênero, mas a gente chamava de questões de gênero, entre estudantes universitários. Porque, assim, caiu na cabeça, que teve uma festa aqui da Medicina, onde as meninas da escola foram, como sempre, muito vilipendiadas: brincadeiras, piadas, etc.

(JM): -Está se referindo àquela época, são questões daquela época ou com essas mais recente?

(RG): - Não, daquela época!

(JM): -Daquela época.

(RG): - noventa e... quatro! E uma das minhas bolsistas, eu tinha muitas bolsistas de iniciação científica, era presidente do centro acadêmico. E ela ficou indignadíssima com isso. E no sábado, a festa foi na sexta feira. No sábado, eu tive uma reunião com elas que era uma oficina para a gente tratar das nossas pesquisas e elas vieram e trouxeram a questão. Eu acho que foi uma das primeiras vezes, inclusive, que institucionalmente na universidade se fez alguma coisa, porque eu levei a questão para a Congregação da Escola de Enfermagem e a Congregação se manifestou junto à Faculdade de Medicina. Isso deve estar aí, as calendas.

(JM): -Calendas da...

(RG): - Porque as brincadeiras que eram feitas, inclusive em sala de aula, com professores, não é? Era tipo assim “qual a semelhança entre a enfermeira e a pizza? Ambas a gente come no plantão”. Coisas desse tipo. E que as meninas ficavam muito aborrecidas com isso. Aquelas que tinham uma consciência um pouco mais crítica em relação a esse humor que subalterniza mais ainda. Comecei estudando processo saúde-doença das mulheres e paralelamente as questões da enfermagem.

[tocando o telefone da entrevistada]

(JM): - Pode atender!

(RG): - Vamos lá, onde eu estava?

(JM): -Falando livre docência e das pesquisas...

(RG): - Livre docência e das pesquisas. Então, aí eu entrei de cabeça nos estudos de gênero. A minha livre docência, digamos assim, que a tese de doutorado é um prólogo.

(JM): -Entendi.

(RG): - E eu entrei mesmo de cabeça nas questões de pesquisa a seguir.

(JM): - Isso já era novent... segunda metade do ano de...

(RG): - 96. Que eu defendi a livre docência em 96. Mas nesse período eu orientei várias teses. E todas elas com essa embocadura. Aí, trabalhando tanto o perfil reprodutivo das mulheres, como as questões da Enfermagem.

(JM): -Hum rum

(RG): - Enfermagem enquanto profissão feminina, um pouco da história. Fiz uma comparação entre a enfermagem brasileira e a enfermagem [22:33 incompreensível]. Está publicada. Acho que é da Inglaterra para o Brasil, alguma coisa assim. Gosto muito daquele artigo. Aquele lá é uma das coisas da... um dos resultados da livre docência. Em seguida, eu fui... meu grupo de pesquisa foi fundado em 89.

(JM): -Hum, quase aqui no...

(RG): - Por incrível que pareça. Porque... é, estava terminando o doutorado. Porque eu fui a primeira aqui na escola a pedir um financiamento para o CNPq. E, para pedir o financiamento, eu tinha que ter um grupo de pesquisa [riso].

(JM): -Interessante...

(RG): - Então eu inscrevi um grupo e obtive financiamento. Que hoje, deveria corresponder, assim, a 2 mil reais. Mas foi ótimo! Porque eu acabei abrindo aí uma brecha para, inclusive,

aqui na escola não era... não era “cultura” da escola pedir financiamento. Tudo isso começou nessa época, não é? Nós tivemos, finalmente, instituição na área de enfermagem no CNPq, mais tarde na Capes...

(JM): -Quando você pediu financiamento, já tinha área ou nem tinha área?

(RG): - Nem tinha área. Não tinha área, foi para as ciências da saúde.

(JM): -Ah....

(RG): - E assim, eu não faço a menor ideia como eu consegui isso. Porque isso ia contra todas as possibilidades de... sei lá. De conseguir financiamento para alguma coisa. Mas eu fiquei *muito* feliz. Não é? Porque, foi assim: primeira vez que eu tive financiamento e um financiamento com esta... para esta base, para fazer este estudo. Que era o doutorado ainda. Muito pequeno, mas não importa muito. E aí, em 94 eu entrei com o pedido para ser produtividade.

(JM): -Hum run.

(RG): - E fui aceita, então eu sou produtividade desde essa época. Depois, em 98, abriu uma vaga para professora titular.

(JM): -Você já tinha livre docência em 96.

(RG): - Já tinha livre docência de 96. Na verdade, na livre docência eu já tinha produção para titular, mas aqui na escola era obrigatória. Então eu defendi a livre docência e dois anos depois, o que também não é usual, em geral espera 5 anos, mas eu defendi titular, mesmo porque senão a vaga seria devolvida para a universidade. Não tinha ninguém com produção suficiente para concorrer. E a gente precisava de titulares aqui na escola, porque na época, a nossa congregação, inclusive ela tinha titulares de fora. Porque não compunha, não tinha número de titulares suficientes para ser...

(JM): - Nossa...

(RG): - para ser uma congregação da Universidade de São Paulo. E aí, eu fiz o titular, onde eu também defendi a questão de gênero, saúde e enfermagem, não é? Como uma área de conhecimentos e os estudos de gênero, a importância dos estudos de gênero na enfermagem.

Também gostei muito daquela produção. E 98 eu comecei a integrar o corpo de titulares aqui da escola.

(JM): -E como estava, desculpe, já estamos em 98, como estava no Brasil essa questão no campo da enfermagem, já existia uma massa...

(RG): -Já existia estudos de gênero.

(JM): - Isso... já existia congressos?

(RG): - Já existia congressos, não especificamente de gênero, mas nos congressos já começaram aparecer trabalhos, começaram a ter grupos. Teve um grupo na Bahia com a Silvia Ferreira, teve um grupo no Rio Grande do Sul com a Marta Julia Lopes, quer dizer, começaram a aparecer esses grupos produzindo nesta área. Hoje tem muitos grupos.

(JM): -Pode ir falando, só anotando o nome da Silvia Ferreira, da Federal da Bahia?

(RG): - Da Federal da Bahia. Não sei se você vai encontrá-la, porque ela está aposentada, mas eu tenho o contato dela, se você quiser.

(JM): -Depois, quando a gente terminar.

(RG): - A Sílvia teve uma produção, o grupo dela teve uma produção importante, ele é posterior ao meu, mas a gente trocou muita figurinha, inclusive, uma das meninas de lá veio para cá fazer doutorado comigo. Recebi um grupo grande... aí já entramos nos anos 2000. Cresceu muito a produção, cresceu muito a área de estudos desse grupo. Comecei a receber alunas. Esqueci de falar duas coisas importantes que na década de 90 eu formei a primeira doutora em Enfermagem do Peru. Já tinha uma formada antes, mas ela ficou no Brasil. E essa que eu formei, acho foi 94 que ela defendeu, 94? Não sei. Preciso olhar. Ela voltou para o Peru doutorada e foi ser decana do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Cajamarca.

(JM): -Vocês tinham um convênio ou foi uma iniciativa mais isolada?

(RG): - No princípio foi isolada, depois nós fizemos um convênio para implantar um curso de pós graduação em saúde coletiva nessa universidade. Implantamos, ele funcionou durante algum tempo, mas depois por problemas internos eles não... acho que acabou esse mestrado. Estive várias vezes no Peru, várias vezes fazendo trabalhos com esse grupo de Cajamarca,

depois veio uma outra professora, fez doutorado comigo, também. E todas assim: na área de gênero. A Marina Estrada, que foi essa primeira, a tese dela é um repeteço da minha no Peru, onde a gente discute as mesmas coisas e as mesmas questões. Cresceu bastante a produção delas, inclusive, que não tinham tradição nesse campo, nem nas pesquisas, nessas pesquisas. Por conta disso, comecei a desenvolver pesquisas qualitativas, tudo na mesma época. Parece que foi um...

(JM): -Um vagalhão.

(RG): - Um vagalhão. E gostei muito da perspectiva das pesquisas qualitativas, porque elas aprofundam aquilo que a quantitativa levanta. Então eu acho que uma junção das duas coisas é super importante. Comecei a dar cursos de... tenho duas disciplinas de gênero no doutorado...

(JM): -Que você repete de maneira mais regular, assim?

(RG): - Eu repito de maneira mais regular e tenho várias coisas aí, você deve ter visto no meu currículo, várias iniciativas particula... mais pontuais. Ao mesmo tempo, comecei a estudar... surgiu uma questão. Se os estudos de gênero são revolucionários em si, por que não pode ser revolucionário a maneira de produzir esses estudos? O que é que esses estudos podem dar a mais além do produto? Será que o processo já não poderia ser uma intervenção? E comecei a desenvolver oficinas de trabalho.

(JM): -Como surgiu essa questão para você? Foi no âmbito de alguma pesquisa específica? Uma conversa...

(RG): - Foi. Foi durante as minhas três pesquisas. Justamente esta pesquisa com alunas, que eu fiz depois. Com esse grupo, que nós começamos a fazer... eu sempre gostei muito de fazer oficina. E eu fui treinada para fazer oficinas na perspectiva feminista lá na década de 80, na época do PAISM. Porque o PAISM, ele para se disseminar no Brasil todo, ele constituiu um grupo de professoras, docentes, etc. Que saíram fazendo oficinas, as oficinas feministas. E eu tive um treinamento disso, uma capacitação nisso pelo SOF que era, que se chamava Serviço de Orientação Familiar, que era um grupo que, aliás, existe até hoje, é um grupo bastante avançado em técnicas de intervenção, inclusive com participação das mulheres, enfim. E eles vieram aqui na escola a nosso pedido e fizeram uma capacitação. Mas quando eu digo “capacitação”, acho que foi durante um ano fazendo oficinas e nos ensinando a fazer oficinas.

E eu resolvi, também, estudar isso aí por conta própria. E aí comecei justamente com esse grupo de alunas, porque eu dizia “se elas têm tanto conteúdo, por que é que isso não pode estar na pesquisa? E não só em uma perspectiva em me dar...”

(JM): -Objeto...

(RG): - Teu conhecimento. Por que é que a gente não pode ter uma troca disso, não é? E essa troca, ao mesmo tempo, serve para eu coletar os dados e também já...

(JM): - desculpa [derrubou papéis].

(RG): - ... fazer uma intervenção ao mesmo tempo. E fui ler pesquisa-ação. Fui ler lá **Thiollent**, aí outros...

(JM): -O quê? Fals Borda, essas coisas?

(RG): - É, Fals Borda, sobre pesquisa-ação. O que é que é pesquisa-ação, como faz, como não faz, enfim. E acabei juntando tudo de novo, não é? E nós construímos uma metodologia já não mais como técnica, mas como método de oficina de trabalho. Por que método? Porque tem um referencial teórico, filosófico, metodológico, não é? Tem uma base de... ele tem as três coisas principais para ser método, não é? Ele tem uma teoria que o sustenta, ele tem uma dada sistematização e ele pressupõe um produto. Então, a nossa oficina só não está patenteada, mas ela é diferente do que é feito por aí.

(JM): - Como ela funciona, você poderia falar?

(RG): - Ela funciona como, em um primeiro momento, com o grupo, não é? A gente utiliza técnicas facilitadoras, mas as técnicas são um instrumento, não um fim em si mesmas. Um momento de integração do grupo. Depois tem um momento de reflexão individual. Um momento de reflexão grupal. Um momento de síntese disto. E um momento de introdução de novos conhecimentos. E, finalmente, nessa síntese com a introdução de novos conhecimentos, surge um produto.

(JM): -Que pode ser...

(RG): - Que pode ser dado para a pesquisa. E começamos a usar isso, fizemos várias teses. Orientei várias teses a esse respeito. Nessa época, estamos em dois mil e dois, três, quatro,

cinco. Veio um grupo de mineiras para cá. Era um grupo excelente. Eram cinco que fizeram, mais ou menos, o doutorado na mesma época. Uma delas que já fazia oficina com adolescentes [entrevistada estala os dedos três vezes]. Então nós fomos... a tese dela é sobre oficina de trabalho com... sobre sexualidade com adolescentes. Então, ela também verificou a potencialidade das oficinas, dessa oficina que nós elaboramos. Uma outra que fez sobre, não, é cronologicamente estou tentando me lembrar, enfim. Em 2002 apareceu uma maluca. Uma mineira maluca, ela sabe disso, uma pessoa fantástica que despejou no meu colo uma questão “eu quero trabalhar com violência contra a mulher.” Falei “não, não quero. A coisa é feia demais. Deixa onde eu estou. Deixa eu ver as questões da enfermagem, deixa eu ver...” “Não, porque não, porque não, porque eu quero, porque eu quero...” Enfim. Meu processo de orientação é um processo bastante de troca. Não é? Não tem nenhuma imposição...

(JM): - Da agenda assim e pá...

(RG): - Absolutamente. E isso aí foram... acho que foi um ano de discussão sobre o objeto de trabalho dela, enquanto fazia as disciplinas. E era uma pessoa realmente diferente. Ela tinha uma vida diferenciada. Não é? Não comum. Ela tinha sido religiosa, tinha casado com outro religioso, enfim. Trazia questões, assim, fantásticas. A gente passava *horas* discutindo. Até que, finalmente, falei “bom, vamos lá, então. Então, vamos trabalhar com violência.” Na verdade, eu já sabia muito sobre violência, mas eu não me dava conta, porque desde a minha tese de doutorado tem violência. Todos os trabalhos que se faz com mulheres a violência aparece, não é? E eu fiquei muito indignada, porque eu tive casos, assim, da mulher estar usando diu há 15 anos e ela não saber.

(JM): -Que é isso?

(RG): - Na minha tese de doutorado. E isso, para mim, era uma questão de gênero, não era uma *violência* de gênero. Por que é que ela usava o diu? Porque ela foi em uma clínica de planejamento familiar e eles inseriram o diu. E ela não sabia!

(JM): -Sem o consentimento, etc.

(RG): - E eu coletava os dados, fazendo consulta de enfermagem. Primeiro eu fazia consulta de enfermagem para coleta de material para papanicolau e convidava as mulheres para participar da pesquisa. Por isso que eu percebi, porque quando eu fui fazer o exame

ginecológico para coletar o material, eu vi um fio. Eu falei “você usa diu?” Ela disse “não! Nunca usei diu”. “Mas você usa diu, está aqui!”. Chamei o ginecologista, ele confirmou. Ficou *muito* brava, que inclusive ela era contra e já fazia 15 anos que ela tinha aquele diu e nunca mais tomou conta disso. Ela teve 3 filhos usando preservativo e nunca mais engravidou. Aí fizemos uma... foi feito uma ultrassonografia na época, foi contatado o diu etc. Mas infelizmente não tinha nem como a gente fazer a recuperação disso. Enfim, ela quis tirar o diu e daí para frente. Bom, e outros casos, casos de violência sexual na infância, que eu não, não... casos de laqueadura sem a mulher saber. Ela soube depois do pós parto, porque o marido combinou com o médico e foi feita a laqueadura. Então, eu entrevistei 159 mulheres. Cada uma com uma história. E uma história... histórias, assim, às vezes, estarrecedoras, em relação a essas coisas. E isso tinha ficado lá na memória, mas eu nunca tinha trabalhado. Quando a Celina chega com esta demanda, aí eu comecei... aí, fomos estudar, então, o que é que é esse negócio de violência de gênero. O que é que é... por que é que a gente vivencia isso? Onde está este fenômeno? Por que é que ele está tão escondido? Na época, estava se começando a falar em violência contra a mulher, mas ainda muito pouco. Ela começou o doutorado em 2001, terminou em 2005. E em 2005 saiu a primeira tese sobre violência. Atrás dela, vieram mais duas de Minas. E depois aí o meu grupo começou a se voltar para isso. Porque é uma bola de neve mesmo, não é? Você começa a trabalhar com uma questão que você acha que é pequenininha, ela vai indo, vai indo, vai indo... E agora estamos aí na violência contra adolescentes, crianças e etc. É essa linha de pesquisa de... das violências, tomou um caminho muito... se constituiu em uma área muito forte no grupo. Hoje eu estou com 10 pesquisas, eu acho, em andamento de áreas de 3 grandes projetos e todos eles lidando com isso.

(JM): - E tem conexão com aquela questão da pesquisa-ação, sempre?

(RG): - Toda.

(JM): - Intervenção, as oficinas...

(RG): - Toda, toda.

(JM): -Estruturam os projetos também?

(RG): - Muitas vezes a gente usa isso, mas a gente usa também outras metodologias, porque a depender do objeto, você tem que começar as vezes com uma metodologia mais abrangente

e, por exemplo, você...ah, agora nós estamos trabalhando em um grande projeto sobre violência contra adolescentes... violência entre adolescentes nas suas relações de intimidade. Violência no namoro, violência no ficar... E é um trabalho junto com Portugal e Espanha. E no Brasil tem muito poucos estudos. Tem só um estudo da Minayo, grande, que foi feito recentemente, acho que há uns 3 anos atrás. Então, em um primeiro momento você tem que fazer um **screening** mesmo, disso, para depois ir aprofundando em outros sub projetos que aí você pode utilizar outras metodologias. Então, essa pesquisa, por exemplo, é um survey.

(JM): -Essa com Portugal e Espanha o financiamento é do CNPq aqui ou é internacional?

(RG): - Financiamento do CNPq. Não! Financiamento do CNPq. O projeto universal. Desde o ano passado.

(JM): - Certo...

(RG): - Na verdade, o grupo existe há mais tempo, mas a gente só conseguiu financiamento ano passado.

(JM): -Deixa eu pegar um ponto, a partir daquela, daquele convênio com o Peru, que a senhora mencionou, eu esqueci de te perguntar na hora, se isso ensejou, assim, alguma circulação em outros países próximos ou parcerias, teve...

(RG): - Sim... Teve, teve. Principalmente Peru e aí outros lugares do Peru, Lima. Outras escolas... Ah, e agora, hein? Andei pela Espanha, andei por Portugal...

(JM): -Não chegou a fazer um pós doutorado em um desses lugares?

(RG): - Não, porque... Na verdade é o seguinte. Cada vez que eu vou me inserir em alguma coisa de pós doutorado, aparece outro projeto, então, outro desafio.

(JM): -Entendi...

(RG): - E são desafios, assim, muito grandes. O primeiro deles apareceu justamente quando eu acabei de fazer meu titular. Eu defendi em junho e em agosto eu fui convidada a assumir a coordenação de assistência social da Universidade.

(JM): -A USP inteira?

(RG): - É... Nunca tinha ido ninguém aqui da escola para lá fazer parte da reitoria. E eu cheg... era um lugar que lidava com estudantes: restaurantes, creches, etc.... E uma das unidades mais problemáticas, inclusive tinha moradia estudantil...

(JM): -Isso era que ano mesmo, desculpe?

(RG): - 1998.

(JM): -98...

(RG): - Eu defendi 30 de junho, tirei férias. Quando eu voltei, o reitor me chamou, não é? E eu não tinha esse plano, mas ele caiu no meu colo e aí...

(JM): -Como foi essa experiência?

(RG): - Foi maravilhosa. Foi maravilhosa. Fiquei 12 anos.

(JM): -12 anos?

(RG): - Fiquei 3 gestões. Três gestões reitorais e eu tive oportunidade de fazer tudo aquilo que eu tinha aprendido na minha vida como pesquisadora e docente. Porque eu fui trabalhar diretamente na ação com trabalhadores, não docentes, 70% de nível... desculpe, 50% de nível básico, 25... 30% de nível técnico... um pouco mais: 35. E o restante de nível universitário.

(JM): -Esse os funcionários que trabalhavam na USP?

(RG): - Esses funcionários que trabalham nos restaurantes, nas creches, na moradia estudantil. E gerenciei bolsa de estudos, tive um relacionamento muito próximo com os estudantes para construir juntos... e eu pude aplicar aquela história da ação conjunta, de tudo que eu tinha aprendido lá com Paulo Freire. Foi *muito* interessante. Na verdade, eu fiz assim: graduação, pós graduação, pós doutorado, tudo de novo nessa área. Porque eu acho que aprendi coisas que eu não fazia a menor ideia de que existiam. Então esse foi um *grande* desafio. E assim, é... sair de lá foi muito difícil.

(JM): -Foi 2010, não é? Estou fazendo os cálculos agora.

(RG): - 2010. 2010 eu saí de lá, porque mudou a gestão do reitor. Durante quatro anos de 2006... 2007, 2008, 2009 eu fui vice diretora aqui da escola também. Então, acumulei as duas

coisas. Que também me deu uma outra experiência de gestão. Eu só tinha sido chefe de departamento. Agora, essa experiência junto a COSEAS, junto à coordenadoria de assistência social foi, assim, eu aprendi tudo de novo. Aprendi gênero, aprendi a lidar com questões, gerenciar conflitos... Acho que fiz um bom trabalho, porque era uma unidade completamente relegada a segundo plano. As pessoas eram muito infelizes trabalhando lá. Só aparecia, porque tinha havido briga na moradia. E aos poucos a gente foi conseguindo reverter isso junto com eles, o que foi mais interessante. Não é? Tanto junto com os estudantes quanto junto com os trabalhadores. Fizemos uma reformulação bastante grande da estrutura organizacional e também conseguimos aumentar muito as bolsas de estudo. Entrei lá, tinha 600 bolsas. Eu saí, tinha mais de 10 mil.

(JM): -Pô...

(RG): - E assim, trabalhando junto a reitoria também, não é? E um trabalho que foi basicamente uma construção coletiva. Assim, eu estava a frente, porque tinha que ter alguém à frente para fazer a articulação com a reitoria, mas eu construí, eu tive uma equipe fantástica. Desde, assim, do porteiro até o diretor financeiro, que era o que ficava logo abaixo da coordenadora. Então, foi muito, muito, muito... É uma experiência que eu tenho, assim, muito carinho, não é? E se eu não tivesse tido esse preparo, anterior nos estudos de gênero, nas metodologias participativas, todos esses conhecimentos, inclusive, aí fui me aprofundar um pouco em filosofia... eu tenho uma filha filósofa. Então, quase que eu fiz o curso junto com ela [riso].

(JM): -Cara...

(RG): - A gente discutia, discute muito ainda essas questões. E isso tudo me deu lastro para trabalhar, fazendo um gerenciamento diferente daquela unidade. Depois voltei para cá.

(JM): -Ainda era vice diretora da escola, quando você saiu?

(RG): - Não, acabou junto.

(JM): -Acabou junto.

(RG): - Acabou junto. Aí, não quis me candidatar à direção da escola, porque eu achei que já...

(JM): -Era muita vida institucional [risos].

(RG): - Era muita vida institucional e eu queria muito voltar para as minhas pesquisas, para as minhas... minhas coisas. Então deixei metade do meu coração lá, ou talvez até mais, mas eu sou desta escola, não é? Eu estava lá. Eu sou enfermeira e sou docente. Essa escola está debaixo da minha pele. Eu estou aqui há 44 anos. Entrei como estudante em 1968. Aí, aparece um outro desafio em dois mil e... e agora? 2010?

(JM): -Hum run, foi quando saiu lá da...

(RG): - Quando eu saí de lá.

(JM): - da coordenação de assistência social...

(RG): - 2011... não sei se foi 2010 ou 2011.

(JM): -Alguns anos atrás.

(RG): - Alguns anos atrás me apareceu o desafio de pertencer à diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem.

(JM): -Você frequentava os congressos, palestras...

(RG): - Sempre, sempre. Sempre tive uma proximidade. E aí, eu descobri uma outra paixão na vida que é a Associação e o trabalho voluntário. E acabei me engajando. Me engajei no centro de estudos de pesquisa em enfermagem em um primeiro momento.

(JM): -Que é da associação, ela tem um centro?

(RG): - É da associação, ela tem um centro de estudos de pesquisas em enfermagem.

(JM): -Interessante.

(RG): - Terminou a gestão, eu fiquei um tempinho em um departamento de atenção primária, mas fiquei pouco tempo. E, em seguida, apareceu o desafio da editoria científica da Revista Brasileira de Enfermagem que eu estou desde o ano passado.

(JM): -E como tem sido esse trabalho?

(RG): - Tem experiência, também, fantástica. Entrei de cabeça... eu já era editora associada da

revista aqui da escola, nós temos uma revista.

(JM): -Hum run.

(RG): - E, atualmente, então, estou como editora científica da Revista Brasileira de Enfermagem.

(JM): -E aí Rosa, você pegou esse período cheio de pressão por periódico, internacionalização e não sei o quê...

(RG): - E sou ativista convicta anti produtivismo acadêmico, não é? Levei isso para ser discutido. Eu coordenei, enquanto eu era do centro de estudo de pesquisas, eu coordenei um Seminário, nós a cada dois anos a gente faz um seminário nacional de pesquisa em enfermagem, o SENPE. E eu coordenei o de 2013. E nós lidamos exatamente com esta questão. Foi em Natal, foi *muito* bom. Foi instigador mesmo, porque a gente resolveu atacar de frente essa história nesse movimento aí contra esse peso aí na cabeça da gente que é produzir, produzir, produzir, o que importa é quantidade e não qualidade.

(JM): -Isso tem impactado na tua rotina ou mais nos teus estudantes, assim? Ou de ambos, você diria?

(RG): - Impacta na vida de todo mundo. Porque cada vez que eu sou avaliada, eu sou considerada como tendo pouca produção. Acontece que a minha produção é toda em revistas reconhecidas de qualis alto e eu não escrevo qualquer coisa. Eu prefiro não publicar, se tiver que publicar um trabalho ruim. As minhas estudantes sabem disso. Sou extremamente exigente comigo, com elas. Mas a gente se dá super bem, porque elas pactuam disso. Tenho levado essa discussão para a sala de aula. Nunca deixei de dar aula esse tempo todo. Dou aula na graduação, na pós graduação e nunca, nunca me afastei da sala de aula, porque eu acho que isso que também te dá expertise para aliar teoria e prática mesmo. Não é?

(JM): - Hum rum.

(RG): - Aí, no meio apareceram outras coisas, outros desafios e ensinar metodologia de pesquisa, por exemplo.

(JM): - Não era o que você fazia como professora antes?

(RG): - Não, antes eu fazia com os estudos de gênero e na graduação em enfermagem, sempre na Saúde Coletiva. Sempre fui professora de Saúde Coletiva. Primeiro Enfermagem Preventiva e Comunitária, depois mudou para a Saúde Coletiva. Trabalho em Saúde Coletiva. Hoje eu trabalho com alunos no último semestre. Eu sou responsável pelo estágio curricular, que é um semestre que eles ficam antes de ir para a rua.

(JM): -Hum run

(RG): - E continuo na pós graduação desde 92. Nós temos agora um outro programa de pós graduação em que a gente está investindo bastante.

(JM): -Outro?

(RG): - É, nós temos aqui na escola, nós temos 6 programas. Eu participo de 3. E a gente tem um mestrado profissional também.

(JM): -Hum... sim.

(RG): - Tem dois anos e a gente está investindo também.

(JM): -Este é mais recente, assim?

(RG): - Esse é mais recente.

(JM): -E neste você está também...

(RG): - Estou como orientadora. Por enquanto como orientadora. Devo oferecer disciplina... não sei quando, porque este ano estou com outro desafio que é organizar o Congresso Brasileiro de Enfermagem...

(JM): -Meu Deus, Rosa! São muitos...

(RG): - [risos] Que será aqui em São Paulo em outubro, então eu estou como coordenadora da comissão de temas.

(JM): - Deixa eu perguntar só mais um pouquinho da questão das revistas que é uma pergunta que nós sempre fazemos aqui que é um pouco sobre seus hábitos como pesquisadora, docente... Você costuma ler, por exemplo, revista científica, você costuma...

(RG): - Muito.

(JM): - ... ler livros da área, ou você procura quando você tem uma pesquisa você vai meio no google e procura...

(RG): - Não.

(JM): - Não? Você costuma ler revistas?

(RG): -As nossas pesquisas hoje, a gente não entra, de um tempo para cá, a gente não entra em uma pesquisa sem fazer uma revisão sistemática do tema. Por quê? Porque não dá mais para você ir na biblioteca e procurar... o que a gente fazia antes, que a gente olhava os artigos produzidos e tal. Hoje a gente faz primeiro uma revisão sistemática com metodologia apropriada, com... vamos dizer assim, sistematizadamente, ver quais são os trabalhos que estão ali detecta as lacunas, não é? E aí, sim, a gente desenvolve as nossas pesquisas. Não dá mais para fazer isso: ler, assim, aleatoriamente. Eu leio muito, porque eu leio todos os artigos que são publicados na Reben. Todos.

(JM): -Como editora, não é?

(RG): - Como editora...

(JM): -Todos que são enviados...

(RG): - Inclusive, faço correção de português, porque é outra coisa que eu gosto muito.

(JM): -É?!

(RG): - É. Estudo português. Acho que a língua portuguesa está muito mal falada. Pior que prostituta de porto. [risos] Mas *bem* mal falada. Sou muito contrária a esse... essa ênfase exagerada no inglês e *nada* no português. Acho que os nossos alunos têm sim que aprender outra língua, só que eu lamento muito a universidade não insistir no aprimoramento da língua portuguesa. Ela é muito mal falada. Inclusive pelos nossos dirigentes.

(JM): -E você tem detectado essa questão em orientações...

(RG): - Com certeza. A primeira coisa que minha aluna faz aqui quando escreve projeto, não sabe escrever, eu mando fazer português instrumental na faculdade de filosofia, não é? Que

tem cursos para isso.

(JM): - Hum run.

(RG): - Que eu acho que uma língua mal falada, ela também é mal traduzida. E a gente tem erros em comunicação oficial da reitoria tem erro de português crasso. Tem crase onde não é para por e não tem crase onde é para por. Sabe? E tem gente que fala “houveram”. Não é? Verbo haver não vai...

(JM): - Não flexiona.

(RG): - Não flexiona. E tem pro-reitor que fala “houveram”. Tem diretor de unidade que fala “houveram” no conselho universitário. Não dá, não é?

(JM): - Hum run.

(RG): - Então, fico muito brava com isso. Mas isso é herança do meu pai. Meu pai...

(JM): -Era professor de português?

(RG): - Não, era autodidata.

(JM): -Era cultor da língua.

(RG): - E ele corrigia os nossos bilhetes de canetinha vermelha. Até bilhete que a gente deixava para o filho, para a empregada... Como eu sempre trabalhei fora, eu tenho quatro filhos, a gente em casa tem muito o hábito – tem até uma lousa na cozinha onde a gente deixa os bilhetes. O meu pai ia lá e corrigia com canetinha vermelha e dava nota. Então eu cresci com isso, não é? E meu pai assim ele ensinava a gente de um jeito muito gostoso, ele fazia competição, nada impositivo. Então, eu desenvolvi esse gosto pela língua portuguesa. Meu pai lia Camões, numa boa. Explicava para a gente ainda. Eu não fazia a menor ideia do que... [risos]

(JM): -Rosa, só te fazer uma última pergunta.

(RG): - Desculpa, que eu falei demais!

(JM): -Não, pelo contrário! Você tem uma lógica expositiva tão clara que você cobriu o roteiro se que eu precisasse apresentá-lo a você.

(RG): - É mesmo? Puxa! [riso]

(JM): -É basicamente isso. É... se eu percebi bem na sua trajetória, nos anos 80 você teve uma atuação muito forte em conselhos e a sociedade civil. Nos anos 90 e 2000 tua energia teve muito na vida universitária institucional. Seria correto isso?

(RG): - Isso, isso. É isso mesmo.

(JM): - Sente falta dessa vida civil público ou aqui te capturou bastante também?

(RG): - Sinto falta, sim. Sinto falta, sim, mas atualmente até uma questão de tempo. Hoje eu estou com tantas atividades, porque assim, tudo isso não me onera... eu não sou uma workaholic. Entendeu? Eu tenho os meus momentos de lazer, meu momentos de “não quero saber de nada, vou ver filme”. Adoro cinema, não é? Sou uma cinéfila... Então, é... Não me considero... Claro que eu fico cansada. Mas eu tenho outra vida, outras atividades junto à família. Tenho irmãos, tenho filhos e tenho uma netinha que eu curto muito.

(JM): -Eu vi aqui...

(RG): - Então, só que eu não tenho tempo físico, mais. Quando há essa possibilidade, claro que sim. Mas, por exemplo, teve um... acabou de ter um... a atual ministra da secretaria especial de estudos da mulher, estudos não.

(JM): -Políticas públicas...

(RG): - Políticas para as mulheres, Eleonora Menicucci, ela é uma grande amiga. Nós fizemos

(JM): -Ela é da USP não é?

(RG): - Ela é da Unifesp.

(JM): -Da Unifesp, legal.

(RG): - A gente fez pesquisa juntas. E não foi uma só, nós fizemos uma pesquisa sobre aborto no território nacional, foi maravilhosa. Aprendi *muito* com a Leo, muito, muito, muito. E elas acabaram de fazer um seminário maravilhoso aqui no SESC, de 3 dias. Eu mandei minhas alunas. Porque eu não tinha a menor possibilidade de ir lá. Eu tinha já coisas agendadas. Agora, hoje em dia eu mando as alunas. Hoje em dia eu vou... Assim, o que eu não estou presente elas

estão e depois elas trazem e a gente discute. Elas trazem bibliografia, as dúvidas... Estou com um grupo *muito* bom de pesquisa. A gente joga com vontade. Gente que começou comigo na... no mestrado e agora está continuando. Tem gente que começou na graduação e está continuando... Então eu tento fazer isso com elas.

(JM): -Entendi.

(RG): - Quando eu posso, é uma delícia. Uma delícia você estar em um evento onde você não tem que fazer nada exceto ouvir as pessoas e dar palpite [risos]. Acontece que cada lugar que eu vou, eu sempre saio com uma coisa...

(JM): - Pois é isso que eu ia te perguntar, com toda essa trajetória não tem, tipo, ou secretarias estaduais ou federais ou Ongs que te procuram para consultoria ou para você estruturar alguma coisa?

(RG): - Tem CNPq, tem secretaria especial de políticas para as mulheres...

(JM): -Você fez trabalho para a secretaria especial?

(RG): - Fiz... Fiz junto com elas a última... é... teve o oferecimento aí de uma verba para pesquisa que era do CNPq junto com a secretaria especial para as mulheres com a secretaria de agricultu... ministério da agricultura, ministério da igualdade social – existe alguma coisa disso.

(JM): -Secretaria de igualdade racial.

(RG): - Secretaria de igualdade racial. Juntaram os quatro e fizeram um programa aí de investimento em pesquisa e eu fui do grupo que fez a... um pouco a elaboração, depois oajuizamento, a avaliação dos projetos e depois o seguimento deles. De vez em quando aparece alguma coisa.

(JM): -Ah tá. Mais um desafio.

(RG): - Mas é gostoso, você conhece gente de outros lugares e... sei lá. É prazeroso. Eu acho que esse trabalho, apesar de intenso, cansativo, exige da gente. Mas ele é extremamente prazeroso. Você ver um aluno crescer, você encontrar uma pessoa em um congresso e falar assim “professora, eu vim fazer mestrado, porque eu fiz aquela oficina com você lá em Goiânia em dois mil e não sei quanto...”

(JM): -Nossa.

(RG): -Nossa! Isso não tem preço. Não é propaganda da Mastercard, mas não tem preço [risos]. Ver os trabalhadores da COSEAS da coordenadoria de assistência social. De vez em quando eu recebo um e-mail, assim, de uma pessoa que eu não vejo há quase 10 anos. É muito bom.

(JM): -É...

(RG): - Esse é o retorno positivo. Acho que não há lattes que compense isso. Não há lattes que te dê prazer maior do que você ver que seu trabalho faz diferença nas pessoas. Aprendo muito com os fracassos também. Tem vários e aprendo com eles. De vez em quando eu não tenho muita paciência. Não é? com algumas questões que... Então, é um treinamento diário isso também. É no lidar com as pessoas... é, assim, mas a gente vai melhorando, a gente vai cultivando essas coisas. Para melhorar mesmo os relacionamentos, as... enfim. Estar no mundo não é fácil. Não é?

(JM): -E... Bom, eu queria te agradecer porque foi ótimo e cobrimos tudo.

(RG): - É mesmo?

(JM): -Muito obrigado!

(RG): - Mais alguma coisa que queira saber?

(JM): -Não... Está tudo mais ou menos já coberto, aqui, pelo seu... talvez uma última pergunta que eu sempre faço. Eu acho que... você falou disso, de várias maneiras. Mas seria um pouco sobre sua visão contemporânea da tua área hoje. Não é? Se pudesse fazer uma síntese de como ela está, de qual sua opinião, avanço e limitações...

(RG): - Eu acho que a Enfermagem tem grandes avanços para contabilizar na sua história, não é? Ela partiu de uma profissão... primeiro não profissão, depois, tem uma história aí grande, sempre com mulheres, a maior parte é constituída por mulheres. E ela teve um período, na busca da ciência da enfermagem, eu acho que a gente se deslocou muito da parte do cuidado, do que tem de humanidade nisso. Quando eu falo isso, não é aquela visão piegas de humanismo, não. É uma visão, inclusive com referencial teórico, filosófico que sempre nos norteou e, de repente, em nome da cientificidade, em nome dessa coisa louca de produzir, produzir, produzir,

e só é ciência, aquilo é comprovado, só quando é avanço tecnológico... a gente se afastou disso. É uma batalha para retomar isso. E retomar dialeticamente em um outro plano. Em uma outra realidade. Mas hoje, eu acho que essa retomada, ela tem tido eco. Porque isso incomodou muito as pessoas. Estava incomodando muito. Então, nós estamos em uma fase de transição agora da ciência de enfermagem em dura, ortodoxa, para a busca de uma outra ciência da enfermagem que junte as duas coisas. Eu não acho que tem que jogar tecnologia ou a parte mais dura da ciência fora. Absolutamente. Mas ela precisa ser humanizada. Ela precisa ser colocada nesse contexto e a gente precisa voltar a ser gente que cuida de gente. Essa frase é da doutora Wanda Horta, eu tive a felicidade de ser aluna dela. De aplicar injeção com ela. E os estudos de gênero, eles dão muito suporte para isso. Porque eles questionam justamente isso. Quem é essa mulher? Quem é este homem? Estudos de gênero não se refere só às mulheres. Não é? Então eu sinto que esses estudos têm, também, trazido essa preocupação e também têm ajudado a fazer este tipo de intervenção. De um lado, a gente está bem em termos de produção científica, aí. De outro lado, acho que ainda falta muita coisa, porque com essa mudança, inclusive na forma de fazer pesquisa, a rigurosidade científica deixa dever. Hoje a gente tem uma produção *muito* grande, mas se você penerar tem muita coisa que é mais do mesmo. E mais pior do mesmo. Não é?

(JM): -Entendi.

(RG): - É... Então... Mas isso é de se esperar mesmo. Toda vez que você aumenta quantitativamente uma produção, ela cai em termos de qualidade e você precisa fazer um movimento contrário para que essa produção efetivamente faça conjunto com as outras áreas. A gente continua uma profissão subalternizada, embora menos. Hoje em dia, acho que já há outras áreas nos veem como parceiras de produção, não é? A gente tem tido experiências multiprofissionais bastante importantes. E eu acho que ela está aí. A imagem está mudando. Hoje em dia quando você fala que é enfermeira, porque todo mundo pergunta “o que é que você é?” “Não, eu sou enfermeira” Primeira coisa que eu respondo. Durante um tempo, as pessoas torciam o nariz. “Mas você é enfermeira mesmo?”, “Porque você não estudou mais dois anos e fez medicina?”, “Por que é que você sabe falar essas coisas? Enfermeiro não sabe isso”, “tem certeza? Você não fez sociologia?”, “Você não fez...”, “Você não fez doutorado? Então, você é doutora!”, “Sim, sou doutora em Enfermagem”. Hoje em dia isso já está mais difuso. Está mais diluído. Isso já não é tão frequente. As nossas alunas enfrentam menos. Ainda

tem muito preconceito, mas elas têm... enfrentam uma situação... Pode entrar! Força!

[entrou uma pessoa na sala da entrevista]

(RG): - Deixa eu te apresentar... Não sei se eu te respondi...

(JM): - Eu acho que sim. Acho que já deu uma... Acho que também você respondeu ao longo da tua entrevista este ponto. Assim, vários momentos, você...

(RG): - Eu tenho uma visão otimista da vida. Eu sou aquela que sempre enxerga a metade do copo cheia, não a vazia, mas não me iludo, não. A gente tem muita batalha aí para empreender ainda. Entre nós mesmas. Entre a própria, dentro da própria área. Dentro da própria profissão. A gente tem coisas bastante sérias aí e a superar. E com as outras, não é? Eu acho que eu sou privilegiada por ter... pela sociedade ter investido tanto em mim, não é? Eu trabalho em uma universidade pública e eu tento fazer a devolutiva... Isso não é papagaiada, viu?

(JM): -Não!

(RG): - Todo dia, à noite, eu pergunto para o meu travesseiro, se o dia valeu a pena. E valeu. Tem valido, sim.

(JM): -Bom, acho que eu poderia encerrar a gravação com essa frase. [risos] Obrigado professora.

(RG): - Imagina!

[FIM DO DEPOIMENTO]